

# As Geografias Imaginárias de Guerras Climáticas<sup>1</sup>

Benedikt Korf<sup>2</sup>

Traduzido por Paul Sutermeister<sup>3</sup>

I.

Montesquieu escreve em *De l'esprit des lois* (1748): “Dans les climats chauds, (...), les passions se font plus tôt sentir”, que poderíamos traduzir aproximadamente como “nas regiões de clima quente, (...) as paixões surgem muito mais cedo”.

Você pode perguntar por que eu começo minhas reflexões sobre “Segurança regional e o meio ambiente” (*Regional security and the environment*) com uma citação de um filósofo francês que morreu há muito tempo. Na verdade, o que vou sugerir é que o núcleo principal da citação de Montesquieu, escrita mais de 250 anos atrás, continua a estar presente em uma série de narrativas atuais, tanto políticas quanto acadêmicas, que relacionam a mudança ambiental, nomeadamente as alterações climáticas, com questões de segurança, ou melhor, com insegurança, violência, anarquia, desordem e outras coisas indesejadas deste tipo.

Talvez, a seguinte declaração feita pelo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) Ban Ki Moon forneça um bom ponto de partida para o tema que desejo abordar hoje. Ban Ki Moon (2007) escreveu que “o conflito em Darfur começou como uma crise ecológica, causada em parte pela alteração climática”. Jeffrey Sachs, autor de *O Fim da Pobreza*, fez o seguinte comentário: “Darfur, em sua essência, é um conflito causado por chuvas insuficientes” (SACHS, 2005 apud SACHS; MYERS, 2005). As declarações de

---

<sup>1</sup> Traduzido do original em inglês: KORF, Benedikt. The imaginative geographies of climate wars. In: **Regional Environmental Governance (REGov) Conference**. Genebra, do 16 ao 18 de junho de 2010: Panel on Regional security and the environment. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S187704281100187X>. Acesso em: 19 nov. 2011.

Ban Ki Moon e de Jeffrey Sachs são representativas de um discurso cada vez mais presente e influente sobre “guerras climáticas”. Na Alemanha, o livro de Harald Welzer sobre *Klimakriege* tem sido também muito influente, como foi o livro *Climate Wars*, de Gwynne Dyer, na América do Norte. Finalmente, e mais importante, o Conselho Consultivo Alemão sobre a Mudança Global (WGBU) publicou um relatório político intitulado *Climate as a security risk* (WELZER, 2008; DYER, 2008; WGBU, 2008).

O impulso básico para esta narrativa de “guerras climáticas” é o seguinte: guerras climáticas são as guerras do futuro: num mundo cada vez mais quente, os recursos são suscetíveis de se tornarem mais escassos, em particular nas zonas já secas e quentes da Terra. Escassez de recursos provoca lutas pela sobrevivência e, portanto, as guerras futuras serão travadas por populações desesperadas em sua luta para sobreviver - se é que ainda não migraram para a Europa (a segunda narrativa influente - aquela da migração induzida pelo clima, que não vou discutir aqui).

Em minhas reflexões quero sugerir que esta narrativa de guerras climáticas é falha e perigosa. Ela é falha porque é baseada numa interpretação equivocada da literatura científica sobre conflitos ambientais. É perigosa porque produz uma regionalização que projeta o Sul global (*global South*) como *hot spots* (num sentido verdadeiro) de violência e insegurança. Isto é o que vou chamar de geografias imaginativas de guerras climáticas. Geografias imaginativas, como sugere Edward Said (2010) em *Orientalismo*, são delineadas com base numa demarcação de um espaço familiar que é o “nosso” em oposição a um espaço que é o “deles” - e envolve uma dramatização dessa diferença (e distância). Said estabelece as práticas culturais que produzem o conhecimento ocidental sobre o Oriente, através do que ele chamou de orientalismo. Da mesma forma, precisamos delinear as práticas políticas que produzem conhecimento(s) “científico(s)” ou “político(s)” sobre esses lugares quentes, onde as paixões surgiriam mais facilmente... e onde surgiriam facilmente violência, anarquia e autodestruição a medida que os recursos se tornariam escassos.

---

<sup>2</sup> Professor associado, Instituto de Geografia da Universidade de Zurique. [benedikt.korf@geo.uzh.ch](mailto:benedikt.korf@geo.uzh.ch)

<sup>3</sup> Graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Genebra, Suíça (2006). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2011). Contato: [p.sutermeister@gmail.com](mailto:p.sutermeister@gmail.com)

## II.

Vamos primeiro tentar caracterizar a narrativa de guerras climáticas de uma forma estilizada. Raramente esta narrativa emprega uma relação determinista entre escassez e conflito violento, mas ela usa frases como “a mudança climática ampliar mecanismos que desencadeiam violência e insegurança” (WBGU, 2008). A mudança climática tende a degradar as dotações de recursos naturais em muitas regiões tropicais e subtropicais, e isso é visto pelo favorecendo de conflitos sobre recursos, que, como é pensado, se tornam violentos depois de ultrapassado certo limiar de escassez, quando então esses conflitos degenerariam numa luta desesperada pela sobrevivência. O famoso escritor norte-americano Robert Kaplan resume esse tipo de pensamento em seu ensaio *The Coming Anarchy* (1994), onde o subtítulo delinea o programa: “Como escassez, crime, superpopulação, tribalismo e doença estão destruindo rapidamente o tecido social de nosso planeta”. Harald Welzer enquadrou esta problemática como ecocídio (*Ökozid*), com base no argumento de Jared Diamond em seu influente *Colapso* (2007), onde este último traçou a desintegração e o colapso de sociedades no passado como resultado da degradação ambiental e da escassez crescente (KAPLAN, 1994; WELZER, 2008; DIAMOND, 1997).

Eu não ficaria surpreso se alguns leitores tiverem uma sensação de *déjà-vu*. Na verdade, esses tipos de argumentos têm sido muito influentes na chamada literatura sobre conflitos ambientais ou segurança ambiental (*environmental conflicts or environmental security literature*) da década de 1990, quando Thomas Homer-Dixon (1999) publicou seu trabalho influente sobre *Meio ambiente, escassez e violência*. Homer-Dixon evitou uma simples relação determinista entre escassez e violência através de seu conceito de adaptabilidade/criatividade (*adaptability/ingenuity*), o que sugere que as sociedades podem adaptar-se à crescente escassez através da mudança tecnológica, mas muitos países no Sul global propensos a conflitos não tinham capacidade para tal adaptabilidade. Da mesma forma, o Conselho Consultivo Alemão sobre a Mudança Global (WBGU, 2008) centra-se numa variedade de “constelações de conflito”, onde cada uma dessas diferentes “constelações” é suscetível de provocar implicações de segurança em vários lugares diferentes que abrangem todo o globo. A geografia<sup>4</sup> parece importar em

<sup>4</sup> Neste sentido, “geografia” não é discurso nem se refere a um espaço como categoria do pensamento, mas é realidade fáctico-material”; cf. SUTERMEISTER, P. **A redescoberta da geografia por economistas: um comentário a partir de Geografia é destino?** Universidade de São Paulo, 2011, p. 10. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>. Nota do tradutor.

termos de como mudanças induzidas pelo clima rompem a coesão social em diferentes lugares e “constelações”. No entanto, o Conselho Consultivo concluiu que tais constelações de conflito são susceptíveis de aumentar em número e intensidade, levando a um mundo mais frágil, com mais conflitos ambientais possíveis.

Todas essas contribuições compartilham a narrativa segundo a qual condições estruturais que podem desencadear conflitos violentos tendem a aumentar devido à pressão induzida pela crescente escassez ambiental. Muitas dessas contribuições também compartilham duas outras hipóteses que Harald Welzer enuncia, enquanto que em muitos outros estudos estas continuam a ser bastante implícitas: primeiro, os países com baixos níveis de riqueza seriam mais vulneráveis à conflitos violentos (a maioria das guerras civis é travada em países “atrasados”); e segundo, que a violência entendida como mecanismo de relações sociais apareceria como sempre iminente ou latente de pano de fundo, apenas esperando para encontrar terreno fértil para eclodir.

### III.

Olhemos para Darfur, um dos exemplos paradigmáticos preferidos para as guerras climáticas no presente, para ilustrar este ponto. Eu escolhi este exemplo devido ao destaque nos escritos de Harald Welzer, bem como nas citações de Ban Ki Moon e Jeffrey Sachs, acima mencionadas. Essas frases constroem uma conexão entre degradação ambiental e incidentes de violência em Darfur. Welzer, por exemplo, localiza as causas de conflito no caso de Darfur num “choque de civilizações” entre pastores “árabes” e camponeses sedentários “africanos”. Ele sugere que após as secas dramáticas de 1984 na região do Sahel, estes camponeses fecharam suas terras excluindo os pastores, que foram forçados a migrar mais para o sul em busca de pastos, portanto, como resultado da fronteira da desertificação em movimento. Os pastores perderam seus pastos e tiveram que lutar atravessando as terras fechadas dos camponeses. Não seria apenas uma briga entre pastores e agricultores sedentários, mas entre “culturas” ou “civilizações” – à sombra de Samuel Huntington (1993). Mas se essa luta pelo acesso a recursos escassos teria provocado a violência em Darfur, é difícil explicar por qual razão então as milícias “árabes” fizeram uma campanha de terra arrasada, saqueando e queimando todos os recursos locais, inclusive todas as árvores pelo seu caminho. Se

essas milícias estavam lutando pelo acesso a recursos, faria pouco sentido destruir os recursos que eles tinham acabado de conquistar com sucesso. Pelo contrário, o que essas observações sugerem é que há razões políticas e mecanismos políticos em vigor aqui que pouco têm a ver com a luta desesperada pela sobrevivência entre dois povos diferentes e seus meios de subsistência.

Infelizmente, Welzer não está sozinho com sua narrativa. O Conselho Consultivo Alemão identifica uma “constelação de conflito” no Sahel que parece muito semelhante à crise de Darfur: o Conselho escreve que a mudança climática produz estresse ambiental e crises sociais que irão desestabilizar ainda mais o equilíbrio social já frágil de Estados fracos, guerras civis e pobreza aguda.

#### IV.

A meu ver, a imaginação geográfica de uma “constelação de conflito” no Sahel precisa de alguma qualificação.

O geógrafo político Matthew D. Turner (2004), argumenta convincentemente que, enquanto os chamados conflitos entre agricultores e pastores (*farmer-herder conflicts*) se encaixam bem na narrativa da segurança ambiental (*environmental security narrative*) que vê esses conflitos como sendo motivados pela escassez, uma visão mais complexa sobre a gênese e a dinâmica de tais conflitos indica que são incorporados numa genealogia de relações sociais entre estes grupos - que são mutuamente co-constitutivas: pastores usam campos cultivados como pasto enquanto o esterco de seus animais fornece fertilizantes úteis para os campos. É claro que tais relações de coexistência e usos múltiplos de recursos naturais não são livres de conflito; mas sim, que os conflitos sempre fizeram parte da negociação de acesso e uso desses recursos. No entanto, devido aos seus relacionamentos de longa data e da história dessas relações, os conflitos, mesmo quando se tornaram violentos, seguiram regras específicas de desescalção que permitiram negociar soluções. O ponto de Turner é importante por uma variedade de razões: primeiro, ele descarta a visão da “hipótese de contato”, segundo a qual a escassez faria com que diferentes “civilizações” entrassem em contato, o que, portanto, provocaria conflitos. Pastores e agricultores têm uma longa história de relações (TURNER, 2004).

A Geografia do tempo sobre violência (*time geography of violence*) também indica que não é da escassez que vêm o principal impulso da violência, mas de políticas estratégicas dos clãs visando o controle territorial. Pesquisas de alguns dos meus colegas em Zurique e na Etiópia mostraram que a violência entre os pastores somalis raramente ocorre durante períodos de escassez aguda, quando grupos pastoris de clãs vizinhos tendem a compartilhar os recursos que sobram entre eles. As lutas acontecem durante a estação chuvosa, quando os recursos são abundantes. As lutas e invasões ocorrem porque diferentes clãs tentam expandir seu controle territorial. Esta pesquisa sugere (e há muitos outros estudos confirmando isso) que os conflitos violentos por si só não são novos no Sahel, mas as dinâmicas desses conflitos têm mudado nos últimos anos, devido a mudanças de contexto geopolítico, como a proliferação de armas de menor porte e de diferentes interesses geopolíticos que promovem a escalada de tais conflitos (conforme, por exemplo, HAGMANN e MULUGETA, 2008; BEYENE, 2009; HUNDIE, 2008.) Darfur é um excelente exemplo para ilustrar a geopolítica da segurança ambiental (*geopolitics of environmental security*), uma vez que sublinha a manipulação política dos conflitos ambientais.

V.

Turner também traz um segundo ponto. Ele nos alerta para a ética da forma como se retratam os chamados conflitos ambientais na literatura da segurança (*security literature*), um ponto digno de nota.

Em seu livro *Critical Political Ecology*, Tim Forsyth fala sobre o que ele chama de ortodoxias ambientais (*environmental orthodoxies*). Forsyth escreve: “Ortodoxias ambientais são declarações generalizadas que se referem à degradação ambiental ou às causas de alterações ambientais que são muitas vezes aceitas como verdade, mas reveladas como imprecisas por pesquisas de campo” (FORSYTH, 2003, p. 38.) Trata-se de narrativas comumente realizadas com certa persistência, mas baseadas em suposições, modelos ou causalidades falhas, mas que, apesar disso, continuam a influenciar a política. A narrativa de segurança ambiental das “guerras climáticas” é, em minha opinião, um exemplo perigoso de tal ortodoxia ambiental. É baseada numa leitura seletiva da literatura, numa análise insuficiente das complexidades e geografias de



conflitos ambientais. Ela implica um impulso a securitização que emoldura a mudança climática como ameaça à segurança.

Isso nos leva ao outro ponto de Turner, sobre a ética. Com base nos escritos de Edward Said sobre geografias imaginativas, Derek Gregory sugeriu que vemos geografias imaginativas como algo performativo no sentido de que “[elas] produzem os efeitos que [elas] nomeiam” (SAID, 2010; GREGORY, 1995). Que tipo de imaginação está em jogo na narrativa da segurança ambiental das guerras climáticas (*environmental security narrative of climate wars*)? É a ameaça imanente no Outro, no lugar que não é Europa ou EUA - é o continente negro (a África), por exemplo. Essa imaginação cartográfica do perigo (*cartographic imagination of danger*) (Simon Dalby) localiza a ameaça no Outro. É uma ameaça que o Outro representa para nós, é o anti-iluminismo, a face escura da humanidade. Trata-se de uma imaginação geográfica de longa tradição. David Livingstone chamou isso de “imaginação climática”, que podemos descobrir em pensadores eminentes tais como Immanuel Kant ou David Hume - uma tradição que vê o Outro tropical como deficiente, como inferior (LIVINGSTONE, 2002). E isso pode nos lembrar das palavras de Montesquieu: “*Dans les climats chauds (...) les passions se font plus tôt sentir...*”.

A leitura da narrativa das guerras climáticas traz à luz um bom número de imaginações climáticas - sobre a ameaça da emigração de pessoas do continente africano, sobre a desintegração de sociedades que terminam em assassinatos arcaicos e violência bruta. Estas são imaginações de mobilidade primitiva, de guerras primitivas - guerras que “nós” no Ocidente consideramos como violência incivilizada em massa.<sup>5</sup>

Mas não devemos desistir da esperança. O escritor italiano Claudio Magris, ao receber o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão (*Friedenspreis des deutschen Buchhandels*), disse que não devemos ceder aos cenários que veem a guerra como inevitável. Contra essa aparente inevitabilidade, ele coloca um *sperare contra spem* - uma esperança contra toda a (des)esperança (*to hope against all hope(lessness)*) (MAGRIS, 2009). Na verdade, quando Derek Gregory escreveu sobre a performatividade das geografias imaginativas, ele também sugeriu que, se tais imaginações geográficas são realizadas e se o espaço é um “fazer” (*space is a “doing”*), há também a possibilidade criativa de desempenho (*possibility of performance*), transformando o poder contra si

<sup>5</sup> Não vou comentar aqui a questão de se as guerras que o Ocidente luta em vários lugares do mundo são mais civilizadas ou não - são caracterizadas, certamente, por uma tecnologia mais moderna.

mesmo para produzir modalidades políticas alternativas. E acho que isso é o que os acadêmicos podem (e devem) fazer. Criar geografias alternativas de mudanças climáticas - pelo menos no nível da representação!

Ironicamente, Robert Kaplan, que era mais notório pela proclamação da *The Coming Anarchy*, escreveu recentemente sobre “a vingança da geografia”, o que implica um retorno do geodeterminismo e do pensamento geopolítico. Sim, é a hora da geografia se vingar. Mas é um tipo diferente de vingança que Kaplan tem em mente (KAPLAN, 2009).<sup>6</sup> Devemos colocar a “vingança” de Kaplan de cabeça para baixo e devemos vingar-nos de um determinismo ambiental bruto, substituindo-o por uma visão mais sutil sobre as múltiplas geografias da mudança ambiental, suas complexidades e genealogias e as múltiplas trajetórias de como pessoas diferentes vivem (juntos) em lugares diferentes.

## Referências

BAN Ki Moon (2007): A climate culprit in Darfur. In: **Washington Post**, 16 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/06/15/AR2007061501857.html>. Acesso em: 19 nov. 2011.

BEYENE, Fekadu. Property rights conflict, customary institutions and the state: the case of agro-pastoralists in Mieso district, eastern Ethiopia. In: **Journal of Modern African Studies**, v. 47 n. 2, 2009, p. 213–239.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

DYER, Gwynne. **Climate Wars**. Toronto: Random House, 2008.

FORSYTH, Timothy. **Critical Political Ecology: the politics of environmental science**. Routledge, London, 2003.

GREGORY, Derek. Imaginative geographies. In: **Progress in Human Geography**. v. 19, n. 4, 1995, 447-485.

---

<sup>6</sup> Kaplan tende mais a propagar um retorno da antiga geopolítica e do geodeterminismo.



HAGMANN, Tobias; MULUGETA, Alemmaya. Pastoral conflicts and state-building in the Ethiopian lowlands. In: **Afrika Spectrum**. v. 43, n. 1, 2008, p. 19-37. Disponível em: [http://www.giga-hamburg.de/dl/download.php?d=openaccess/afrikaspectrum/2008\\_1/giga\\_as\\_2008\\_1\\_hagmann.pdf](http://www.giga-hamburg.de/dl/download.php?d=openaccess/afrikaspectrum/2008_1/giga_as_2008_1_hagmann.pdf). Acesso em: 19 nov. 2011.

HOMER-DIXON, Thomas F. **Environment, Scarcity and Violence**. Princeton NJ: Princeton University Press, 1999.

HUNDIE, Bekele. **Pastoralism, institutions and social interaction: explaining the coexistence of conflict and cooperation in pastoral Afar, Ethiopia**. Aachen: Shaker, 2008.

HUNTINGTON, Samuel. Clash of Civilizations? In: **Foreign Affairs**. v. 72, n. 3, 1993, p. 22-39. Disponível em: [http://www.hks.harvard.edu/fs/pnorris/ Acrobat/Huntington\\_Clash.pdf](http://www.hks.harvard.edu/fs/pnorris/ Acrobat/Huntington_Clash.pdf). Acesso em: 19 nov. 2011.

KAPLAN, Robert D. The Coming Anarchy. In: **The Atlantic**. Fevereiro de 1994. Disponível em: <http://www.srsi.org/Onsite/PDFbin/The%20Coming%20Anarchy.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. The Revenge of Geography. In: **Foreign Policy**. Maio/junho de 2009. Disponível em: [http://www.colorado.edu/geography/class\\_homepages/geog\\_4712\\_sum09/materials/Kaplan%202009%20Revenge%20of%20Geography.pdf](http://www.colorado.edu/geography/class_homepages/geog_4712_sum09/materials/Kaplan%202009%20Revenge%20of%20Geography.pdf). Acesso em: 19 nov. 2011.

LIVINGSTONE David N. **Science, Space and Hermeneutics**. Hettner-Lecture 2001. Heidelberg: Geographisches Institut / Stuttgart: Steiner, 2002.

MAGRIS, Claudio. Der düstere Traum von einem Leben ohne Gesetz. In: **Süddeutsche Zeitung**. 19 de outubro de 2009.

SACHS, Jeffrey. **O fim da pobreza: como acabar com a miséria mundial nos próximos vinte anos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SACHS, Jeffrey; MYERS, Joanne J. The End of Poverty: Economic Possibilities for Our Time. Transcrição de conversação. **Carnegie Council**: Public Affairs Program, 30 de março de 2005. Disponível em:

<http://www.carnegiecouncil.org/resources/transcripts/5132.html#>. Acesso em: 19 nov. 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

TURNER, Matthew D. Political ecology and the moral dimensions of “resource conflicts”: the case of farmer–herder conflicts in the Sahel. In: **Political Geography**. 23, 2004, p. 863–889.

WBGU (CONSELHO CONSULTIVO ALEMÃO SOBRE A MUDANÇA GLOBAL). **Climate Change as a Security Risk**. London: Earthscan, 2008. Disponível em: <http://www.crid.or.cr/digitalizacion/pdf/eng/doc17839/seccion-a.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2011.

WELZER, Harald. **Klimakriege: wofür im 21. Jahrhundert getötet wird**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2008.

**Recebido em dezembro de 2011.**

**Publicado em maio de 2012.**